

## O BRASIL ROMÂNTICO VISITA A EUROPA

Sílvia Maria Azevedo  
Unesp-Assis

*Assim em vez de considerar a poesia do Brasil como uma bela estrangeira, uma virgem da terra Helênica, transportada às regiões do novo mundo, nós diremos que ela é filha das florestas, educada na velha Europa, onde a sua inspiração nativa se desenvolveu com o estudo e a contemplação de ciência e natureza estranha.*

Santiago Nunes Ribeiro. *Da nacionalidade da literatura brasileira*

A experiência de ter vivido ou simplesmente viajado pela Europa foi compartilhada, como se sabe, por muitos de nossos escritores românticos. Gonçalves de Magalhães, Porto-Alegre, Torres Homem, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, para citar apenas alguns nomes, fazem parte da extensa lista de brasileiros que fizeram a sua estada européia, sobretudo durante a primeira metade do século XIX. Causa estranheza, no entanto, e foi Brito Broca quem chamou a atenção, que poucos tenham se interessado em deixar depoimentos de suas andanças pelo Velho Mundo. Outro fato igualmente conhecido é que, ao lado da França, a Itália exerceu igual fascinação entre os românticos brasileiros, sendo ambos os países largamente visitados por eles. Viagens, algumas delas imaginárias, como a de Álvares de Azevedo. Quando morava em São Paulo, na Chácara dos Ingleses, o poeta tinha no quarto uma estampa de Veneza, diante da qual ele teria comunicado a Chica Prosa, no relato de Pires de Almeida, “tudo o que aquela vista lhe sugeria, demorando-se em descrever Murano e Chioggia, as cavalgadas de Byron nos bairros de Veneza e os diálogos de Giuliano Moddado com esse poeta e o ateu Shelley, à beira da laguna em que vinham espreguiçar-se, ainda sussurrantes, as ondas do Adriático.” (BROCA, 1979, p.141). Não é difícil identificar a presença de Bryon, de resto, explicitamente citado na passagem, na “viagem” do poeta de A noite na taverna a Veneza. Já Fagundes Varela, que também se deixou contagiar pelo fascínio da Itália, visita o país, no poema “Fragmentos”, das *Noturnas* (1861), na companhia de Lamartine, autor do romance *Graziella*. Agora é Nápoles, tornada “um território lamartiniano” (BROCA, 1979, p.141), a cidade que configura a Itália imaginária do romântico brasileiro. Mas a Itália tornou-se igualmente território de Alfred de Musset, por conta da dramática relação amorosa que o autor de *Mémoires d’un enfant du siècle* vai viver com Georg Sand em Veneza, em dezembro de 1833.

Mais ou menos por essa época, quatro anos mais tarde, um viajante brasileiro, não se contentando em visitar a Itália com os olhos da imaginação, preferiu “ir ver as coisas com os próprios olhos da cara”, na feliz expressão de Machado de Assis. (ASSIS, s.d., p.74). Esse brasileiro foi João Manuel Pereira da Silva (1817-1898), escritor da geração de 30 do século XIX que, na companhia de muitos outros, introduziu o romance de folhetim no Brasil. Apenas para lembrar, dessa geração também fizeram parte Justiniano José da Rocha, Firmino Rodrigues da Silva, Josino do Nascimento, João José de Sousa e Silva Rio, Brito Broca, quase todos tendo vivido por algum tempo em Paris, de onde trouxeram a nova moda literária. Ao contrário de seus contemporâneos que, como se disse, andaram pela Europa, e não deixaram registro das experiências de viajantes, Pereira da Silva foi um dos primeiros escritores brasileiros a dar depoimento sobre a Itália, no texto que ele chamou de *Reminiscências*, cuja primeira parte foi publicada em 1859, na *Revista Popular*. Num certo sentido, e com alguns anos de atraso, pode-se dizer que tanto *Reminiscências* quanto a *Revista Popular* vêm cumprir as expectativas que a Minerva Brasiliense não pode honrar junto ao leitor, quando anuncia, em 1º de agosto de 1845, a publicação das *Cartas da Itália*, de Araújo Porto Alegre, e estas não aparecem, como nunca apareceram em qualquer outro

periódico. Se tivessem vindo a público, ou antes, se tivessem sido escritas, as *Cartas da Itália* poderiam fornecer informações importantes sobre a estada de Porto-Alegre, em companhia de Gonçalves de Magalhães, na Itália, em 1834.

Viajante incansável, o autor de *Os varões ilustres do Brasil* escreveu páginas interessantes também sobre suas peregrinações pela Alemanha, registradas em “Viagem pela Alemanha em 1837”, mais tarde recolhidas no livro *Variedades literárias*, publicado em 1862 pela Garnier. Faz parte dessa coletânea, ainda outro texto, “Impressões de viagem”, doze cartas que Pereira da Silva escreveu, de outubro de 1851 a março de 1852, sobre a viagem que fez por essa época pela Europa, e que Brito Broca acredita que tenham sido publicadas nos jornais do Rio de Janeiro (BROCA, 1979, p.166)

*Reminiscências*, como o próprio título sugere, é a recuperação pela memória das duas visitas que o escritor brasileiro fez a Roma: a de 1837, quando ele tinha apenas 20 anos, e a de 1858, com 41. Na leitura do texto fica claro que o narrador-viajante do texto de 58 não é mais o jovem de 37, e sim um homem maduro que pode se orgulhar das realizações que constam de seu curriculum: fundador da Revista Nacional e Estrangeira (1839-1841), com Josino do Nascimento e Pedro de Alcântara Bellegarde; organizador, em 1847, da antologia de biografias brasileiras, *Plutarco Brasileiro*, título mudado para *Os varões ilustres do Brasil*, em 1858; colaborador, já em 1838, de diversas folhas literárias e jornais, entre eles a revista Niterói – para a qual colaborou ainda em Paris -, o Jornal de Debates, O Chronista, O Gabinete de Leitura, o Museu Universal e o Jornal do Comércio. Neste, saíram, em 1839, os “romances históricos”, *Religião, amor e pátria* e *O aniversário de D. Miguel* em 1828, o segundo com tiragem à parte. Ainda na linha da narrativa histórica é a “crônica portuguesa do século XVI”, Jerônimo Corte Real, publicada em 1840, e reeditada em 1854.

É com distanciamento que esse homem maduro de 1858 olha a viagem que aquele outro, o *giovinetto* do passado, fez a Roma. Portanto, a cidade que aparece no texto de 1859, e à qual os leitores da *Revista Popular* são apresentados, é uma Roma recuperada por dupla distância: o distanciamento da idade e o distanciamento temporal e espacial, também este último, sendo plausível supor que Pereira da Silva tenha escrito o texto quando já se encontrava no Brasil. “Pungem-me saudades sempre que vêm-me à lembrança as duas visitas que fiz à bela terra da Itália !” (R. P. , p.85), é como começam as *Reminiscências* de Pereira da Silva. É curioso pensar que as “saudades” das quais o narrador se queixa, digam respeito, antes à viagem de 37 do que a de 58, já que o viajante brasileiro deixara Roma, na segunda vez, há um ano apenas. É bem verdade que a saudade de alguém ou de algum lugar não se mede pelo maior ou menor afastamento no tempo...

De qualquer forma, o leitor, tanto de hoje como talvez o de 59, gostariam de conhecer as impressões que a “cidade eterna” deixou no *giovinetto* de vinte anos, que, em visita à Itália, age, pensa e sente o país como se fosse um italiano, ou melhor, fingindo ser um italiano, mas sem a intermediação do homem maduro de 58. Tanto maior é a curiosidade do leitor, quanto o interesse do estudioso, porque o rapaz que fingia ver a Itália à italiana, foi alguém “para quem cifrava-se a vida no sonho dos amores, e no descuidado dos anos.” (R. P., p.85). O que faz supor que, na primeira visita à Itália, esse jovem romântico, como tantos outros que perambulavam na época pela Europa, também teria feito a viagem na companhia de Byron Musset, Lamartine, eles também viajantes-escritores, responsáveis por criar uma Itália feita de imagens românticas, aquela mesma que vai povoar o imaginário de poetas brasileiros, como Álvares de Azevedo, e também o de Pereira da Silva em 1837. Já que o autor de *Reminiscências* não escreveu no passado as memórias de sua visita a Roma - e se o tivesse feito, bem outra seria a “fotografia” da cidade -, é só através da lembrança do homem de 59, que vive no presente, que é possível fazê-lo, o que é sempre um consolo não apenas para o pesquisador como também para a cultura literária brasileira, sempre carente da memória do passado.

Mas não é verdade que Pereira da Silva na quadra da juventude não tenha se preocupado em deixar registradas as impressões do viajante que percorre a Europa. Como se disse, no ano em que esteve na Itália, o escritor brasileiro andou também pelo país de Goethe, e é no texto que escreve então, “Viagem à Alemanha em 1837”, onde é possível ouvir a voz, entre vivrante e emocionada, do nosso romântico. Lessing, Schiller, Hoffmann, Wieland, Winkelmann, além do próprio Goethe, é claro, seriam os companheiros nessa peregrinação, matrizes de imagens por meio das quais o escritor brasileiro registra suas impressões sobre o país. Como a da viagem que Pereira da Silva faz à noite, depois de deixar Nuremberg:

Era noite fechada quando deixamos Nuremberg. Pela estrada rolava solitária e surdamente a nossa carruagem, quando, de repente, o som de uma harpa veio arrebatá-nos a esse sono inquieto, que se pode dormir em viagem, apesar de, cansado, o corpo procurar repouso. De um pequeno castelo gótico, que ficava encostado ao caminho, vinha o som harmonioso. A harpa no deserto àquelas horas mortas da noite, tocada, sem dúvida por algum anjo, produziu o efeito maravilhoso que nos é impossível descrever fielmente.” (BROCA, 1979, p.165)

Prosseguindo viagem, a certa altura, o viajante brasileiro chega mesmo a identificar o som de uma balada de Schiller. “Pura atmosfera romântica do medieval e do gótico”, é como Brito Broca sintetiza esse fragmento da viagem noturna do jovem Pereira da Silva pela Alemanha, em 1837.

Vinte anos mais tarde, em *Reminiscências*, quase com as mesmas palavras, o escritor volta a dizer que vai desistir de “descrever fielmente”, desta vez, Roma. Mas fica por aí a semelhança entre os dois textos, ou se quiser, o apelo ao mesmo efeito retórico. Na verdade, no texto de 58, o narrador acha que “é impossível descrever-se Roma” (p.89), mas por outras razões: em primeiro lugar, porque, antes dele, muitos outros “ilustres poetas” já o fizeram, o que é o mesmo que dizer que nessa altura da vida o viajante brasileiro está dispensando as companhias literárias que no passado o acompanharam nas andanças pela Europa; em segundo lugar, porque a cidade oferece hoje um espetáculo de degradação, pobreza e abandono, quadro esse que os “ilustres poetas” deixaram de fora dos retratos que pintaram de Roma, dessa forma criando uma imagem falsa da cidade, de uma Roma que não existe mais (se é que um dia existiu).

Voltando pela segunda vez a Roma, não é somente a atmosfera de encantamento que se desfaz. Como que despertando de um sonho, o viajante brasileiro, que percorre os lugares que no passado povoaram a sua imaginação, se dá conta agora de que está correndo perigos bastante concretos. Como no passeio noturno pelos arredores de Roma: “Perigoso é de noite percorrê-los. Se não se é assaltado por quadrilhas de ladrões, que despojam o viajante, é pestilenta a atmosfera, e pode uma febre pútrida arrancar-lhe a saúde e levá-lo à sepultura.” (p.86)

De fato, na segunda visita, nem Roma, nem Veneza são as cidades italianas prediletas do viajante brasileiro. Se elas representavam a Itália poética de quando ele era um *giovinetto*, hoje estão imersas na decadência, que o nosso escritor faz questão de registrar. A Itália de 1858, a Itália moderna, está em outro lugar, é representada por outras regiões, como a Sardenha, por exemplo, que atraiu mais a atenção de Pereira da Silva “pelo desenvolvimento de sua indústria, a natureza de suas instituições livres” (p.86)

Mesmo que nosso escritor diga que, na segunda viagem à terra de Dante, tenha mudado “a cor das lentes com que via os objetos”, de tal modo que é sob a óptica da “razão calma e do conhecimento do mundo” que eles passam a ser revistos, é a Itália feita de imagens românticas, aquela vislumbrada pela imaginação da juventude, que vai criar uma “impressão profunda” (p.85) no jovem Pereira da Silva, de tal forma que o homem maduro

jamais vai conseguir se subtair. É esta Itália, quando visitada pela primeira vez, e que ficou na memória do escritor, que vai inspirar as *Reminiscências*, o que não quer dizer que predomine no texto o tom de nostalgia, e sim o da indignação contra o estado de decadência de um país, cujos lugares mais sagrados, como a cidade de Roma, “seu doce nome” (p.87) os brasileiros, desde a infância, na escola, aprendemos a amar e respeitar.

No tentativa de visitar Roma como se fosse da primeira vez, esforço que traduz o propósito de recuperar aquele outro viajante que Pereira da Silva foi na época, o narrador de 58 desenvolve algumas estratégias narrativas, uma delas, o jogo com as formas verbais do passado e do presente: “Entrei em Roma, quando primeiro a vi, pela porta do povo. Descortina-se a cidade eterna do alto de um montículo, a algumas léguas de distância.” (p.86). Se bem que, com a predominância do presente, predomina com ele a visão de uma cidade degradada. Outro recurso narrativo é manter o tom de perplexidade e espanto do jovem que, finalmente, vai conhecer a célebre cidade: “Mas seria Roma na realidade? Não estaria eu sob a impressão de um sonho agradável e sublime? Eram deveras o Tibre, o Capitólio, o Panteon, e o Coliseu que me apareciam?” (p.87) É pouco provável, porém, que a emoção de que o escritor diz-se estar possuído, seja a do homem de 58: “Era tão grande a minha emoção, que a todos os companheiros de viagem fazia perguntas, e os lábios balbuciavam, e a língua tremia de medo, que eram elas desconxavadas, e mal significavam o pensamento que me dominava.”(p.87) Finalmente, o recurso talvez mais eficaz na recuperação da Roma vista no passado, é trazer para as *Reminiscências* a presença de Byron, através do poema que ele compôs em louvor à cidade, e que começa com o seguinte verso: “Ó Roma! Ó meu país! Cidade santa!” (p.87). Como de costume entre os escritores brasileiros da época que se valiam de citações e epígrafes, Pereira da Silva igualmente não informa o leitor nem sobre o título do poema, nem sobre o nome do tradutor para o português. De qualquer forma, é essa Roma feita de imagens românticas, recriada pela imaginação do poeta inglês, que elevou a cidade à condição de pátria dos cidadãos de todas as nacionalidades, o retrato que melhor representa o viajante brasileiro de 37.

Apesar do esforço de trazer de volta o jovem escritor para o texto que, em 1859, a Revista Popular vai oferecer aos seus leitores, quem fala aqui é o Pereira da Silva político e historiador que, de longe e de fora, toma posição quanto ao contexto italiano da época, o que lhe possibilita falar ao mesmo tempo do Brasil. Isso explica que, quando da segunda visita a Roma, grande parte do depoimento diga respeito à entrevista que o viajante brasileiro teve com o Papa Pio IX, com quem conversa sobre questões que, no Brasil da época, eram motivo de grandes polêmicas: os casamentos mistos, a influência do clero e do catolicismo, a necessidade de novos bispados, a criação de seminários teológicos e cabidos. Há que se lembrar que quando foi deputado, Pereira da Silva esteve envolvido na discussão desses problemas, sob os quais estava latente o conflito entre a Igreja e o Estado. Como no pronunciamento de 28 de junho de 1855, em que era de parecer que cabia à repartição do Império, encarregada do ensino superior, a regulamentação das duas faculdades de teologia, então criadas, e não à Justiça e Negócios Eclesiásticos. Ainda que sua intenção fosse discriminar as atribuições do poder eclesiástico e do poder temporal, em nenhum momento o deputado Pereira da Silva vai abjurar a religião católica, empregando na época, em defesa própria, palavras que vão ecoar no texto de 59:

Senhores, eu sou católico e reconheço como chefe da minha igreja o Sumo Pontífice; ninguém o acata, venera, o respeita e admira mesmo mais do que eu; a respeito dos mandamentos da Igreja sou o seu súdito mais humilde e obediente; não concorrerei senão para dar força moral e esplendor à tiara sagrada, que é a salvação do mundo. (MARTINS, 1977, v.III, p.6)

As impressões favoráveis, registradas nas *Reminiscências*, tanto de Pio IX quanto de Gregório XVI, com quem o nosso viajante igualmente tem entrevista em 1837, funcionam no sentido da defesa incondicional da Igreja, num momento em que o poder desta vinha sendo contestado, não apenas no Brasil, mas também na Itália. Não esquecer que, na época, a Itália lutava por se consolidar enquanto nação, e é nesse contexto de luta política que a soberania do Papa estava sendo posta em xeque. Isso talvez explique a veemente defesa que Pereira da Silva faz do poder espiritual, não admitindo que este fique sob a tutela do poder temporal: “(...) não pode o poder temporal separar-se da pessoa do Papa. Por outra forma seria destruição, e não reforma, e traria ela perda irreparável para Roma, e para a Igreja Católica, que é a nossa mãe, a mãe da sociedade moderna, a mãe da humanidade inteira.”(p.91)

Se as questões da conjuntura italiana contemporânea, a partir das quais o Brasil se vê representado, são objeto de interesse do Pereira da Silva político, os monumentos, os museus e as obras de arte são os pontos que atraem o olhar do historiador. Também aqui, em dando destaque às realizações dos homens do passado, e que fizeram de Roma uma cidade eterna, o nosso escritor estará se remetendo ao Brasil. O que permite dizer que, em 58, são dois os viajantes que visitam Roma pela segunda vez: o político e o historiador, cada um a seu modo falando do país de origem.

A cidade de Roma vista pelo historiador Pereira da Silva é a Roma da Igreja Católica, representada por monumentos e obras de arte do passado em louvor, quase todos, à religião de Cristo: o museu do Vaticano e do Capitólio, os frescos de Rafael e de Miquelângelo, os quadros de Murillo, Ticiano, Dominichiano, Caravaggio, Correggio. Também o Panteon de Agrippa e o Coliseu de Vespasiano têm destaque no inventário do historiador brasileiro, que se refere àquele último usando uma linguagem que ficaria melhor na boca do ficcionista do que na do historiador: “Gostava o povo rei de espetáculos cruéis, e bárbaros. Com os animais ferozes batiam-se os gladiadores para divertimento público (...). Regavam com seu sangue aquela terra milhares de cristãos mártires; nas lutas selvagens com leões e tigres despedaçavam-se os seus corpos aos gritos e aplausos da multidão infrene.”(p.93) Apesar desse e de alguns outros deslizos mais “poéticos”, parece que Pereira da Silva, no propósito de recuperar os “elementos necessários da antigüidade”(p.93) de Roma, pretende dispensar os intermediários, isto é, as companhias literárias que devem ter visitado com ele, em 1837, a cidade santa. O que é fácil compreender, configurando-se a “objetividade” como o comportamento que o autor de *Reminiscências* julgaria mais adequado ao papel do historiador.

Por isso mesmo, é nas estátuas e nas obras pictóricas da “antigüidade”, criações às quais a pedra e as telas permitiram ganhar vida eterna, que o historiador vê representada a “objetividade” que busca no passado. Ao mesmo tempo, e num momento em que a Itália está vivendo um dos períodos mais conturbados de sua história, imersa em conflitos que dificultam a consolidação política, são os monumentos de Roma que conferem identidade ao território italiano. Em sendo esta a função dos monumentos históricos romanos referenciados em *Reminiscências*, é possível pensar que, na verdade, o escritor brasileiro não estaria levando em conta que a Itália era um território formado por realidades geográficas, históricas e lingüísticas bastantes diferenciadas, tal como a região da Sardenha, e cidades de Veneza, Nápoles e Roma.

No outro lado do Atlântico, o Brasil, país de onde provinha esse viajante, há pouco mais de trinta anos havia conquistado a Independência, desfrutando de uma situação política que a Itália ainda não tinha conseguido alcançar (1870 é a data que formalmente registra a unificação italiana), em que pese as inúmeras revoltas que grassavam pelo território brasileiro durante grande parte do século XIX, pondo em risco a unidade do Estado nacional. Em contrapartida, os monumentos históricos e artísticos que estão em

Roma, conferem à Itália uma identidade, aquela que, no Brasil, é buscada pelos intelectuais e escritores da geração de Pereira da Silva.

Nesse sentido, deve-se mencionar os primeiros esboços de história da literatura brasileira que começam a ser elaborados na época, a exemplo do projeto incompleto de Joaquim Norberto de Sousa Silva, publicado de forma esparsa na Revista Popular, entre 1859 a 1862. A esta história literária, como a outras diferentes, posteriormente escritas, cabe dizer que todas “se articulam ou se articularam como **projetos constitutivos** (grifo do autor) da própria nação e nacionalidade literária, atuando mais como discursos fundantes do nacional do que propriamente como expressão reflexa da nação ou “nações”. (WEBER, 1997, p.18) O que significa dizer que esses projetos de história literária “compõem, imaginam e instituem a própria nação ou “nações”, em íntima correlação com os interesses históricos que as sustentam.”(Weber, 1997, p.18) Por uma questão de espaço, fica para outra ocasião o desenvolvimento dessa proposta de interpretação das histórias literárias brasileiras, em particular, o projeto de Joaquim Norberto.

Qualquer que fosse a imagem ou imagens de Brasil que essas histórias literárias vieram a construir, poderim ser tomadas como o equivalente dos monumentos históricos que conferiam identidade à Itália, mesmo que essa identidade, como no caso brasileiro, resultasse da invenção de viajantes, como Pereira da Silva, que a visitaram no século XIX.

Se as histórias da literatura brasileira e os depoimentos de viagens pelo Brasil, estes cada vez mais freqüentes nas páginas da *Revista Popular*, são expressões da busca da nacionalidade, nem por isso se pode dizer que os intermediários literários, responsáveis pela criação de uma Itália imaginária, foram descartados pelos nossos românticos. No ano de 1857, um escritor, que vai ter participação decisiva no processo de formação do romance brasileiro, começa a sua carreira de ficcionista, igualmente valendo-se das imagens literárias da Itália. Esse escritor, todos sabem, é José de Alencar, autor de *Cinco minutos*, obra de “evidente inspiração lamartiniana” (BROCA, 1979, p.144), publicada no Diário do Rio de Janeiro. Só para lembrar, Carlota, a heroína do romance, não pode corresponder ao amor do narrador porque está tuberculosa. Viaja então para a Itália, em busca de melhores ares, que possam curá-la da doença fatal, o que fato vem a acontecer, cabendo aqui a observação perspicaz de Brito Broca: “O encanto dos românticos pela Itália levava-os a emprestar ao clima a virtude de curar uma tuberculosa em último grau.”(BROCA, 1979, p.145) Além da cura, o casamento de Carlota com o narrador, realizado na igreja de Santa Maria Novella, em Florença, acrescenta um toque de sonho ao final feliz da história. Sem dúvida, o desenlace ideal para realimentar o imaginário romântico das jovens leitoras do romance de Alencar.

#### **Referências bibliográficas:**

- ASSIS, Machado de. “Uma excursão milagrosa”, In: *Contos recolhidos*. Organização e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint Editora, s/d, 74-83.
- BROCA, Brito. “Os românticos e a Itália”, In: *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos. Vida literária e romantismo no Brasil*. Prefácio de Alexandre Eulálio. São Paulo: Polis, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1979, 140-146.
- . “Um viajante romântico: Pereira da Silva”. In: *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos*. 164-169.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977, v.III (1855-1877).
- PEREIRA da Silva, João Manuel. “Reminiscências”. In: *Revista Popular*, t.I, 20 de janeiro de 1859, 85-94.
- WEBER, João Ernesto. *A nação e o paraíso. A construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.